



Angela Davis

Foto: <http://thesource.com/2018/02/20/social-activist-and-radical-icon-angela-davis-work-to-be-showcased-at-harvard-university/>

Guilherme Paiva Carvalho

MULHERES, RAÇA E CLASSE (DAVIS, 2016)

- Angela Davis aborda a condição da mulher afro-americana na sociedade a partir do legado da escravidão, dos movimentos antiescravistas, do racismo e do movimento sufragista nos Estados Unidos.
- No contexto da escravidão, “a típica escrava era uma trabalhadora doméstica — cozinheira, arrumadeira ou *mammy* na ‘casa grande’” (DAVIS, 2016, p.18).

O TRABALHO DOMÉSTICO NA ESCRAVIDÃO

- Segundo Angela Davis (2016, p.29), o trabalho doméstico realizado por escravas e escravos “era essencial à *sobrevivência* da comunidade”.
- É destacada a centralidade do trabalho doméstico na escravidão.
- Com relação à “divisão sexual do trabalho doméstico” parece não haver uma hierarquia: “as tarefas dos homens certamente não eram nem superiores nem inferiores ao trabalho realizado pelas mulheres” (DAVIS, 2016, p.30).

A LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

- “A defesa dos direitos das mulheres não podia ser proibida. Ainda que não fosse aceita pelos formadores de opinião, a questão da igualdade das mulheres, [...] encarnada em um movimento embrionário e apoiada pela população negra — que lutava pela própria liberdade —, tornou-se um elemento que não podia ser excluído da vida pública estaduense ” (DAVIS, 2016, p.63).

A LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

- No século XIX, o processo de industrialização se inicia na região norte dos Estados Unidos.
- Para recrutar as mulheres para as fábricas, “os proprietários das indústrias apresentavam a vida as fábricas como um prelúdio atraente e instrutivo para o casamento” (DAVIS, 2016, p.64).
- Na década de 1820, as trabalhadoras “organizaram ‘paralisações’ e greves, militando contra a dupla opressão que sofriam, como mulheres e como operárias” (DAVIS, 2016, p.65).

A LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

- Angela Davis (2016, p.81) aponta o vínculo “entre racismo, viés de classe e supremacia masculina [...]”.
- Durante o “primeiro encontro anual da Associação pela Igualdade de Direitos, em maio de 1867, Elizabeth Cady Stanton”, feminista e abolicionista, defendeu a ideia “de que era mais importante que as mulheres (isto é, as mulheres brancas anglo-saxãs) recebessem o direito ao voto do que os homens negros” (DAVIS, 2016, p.81).

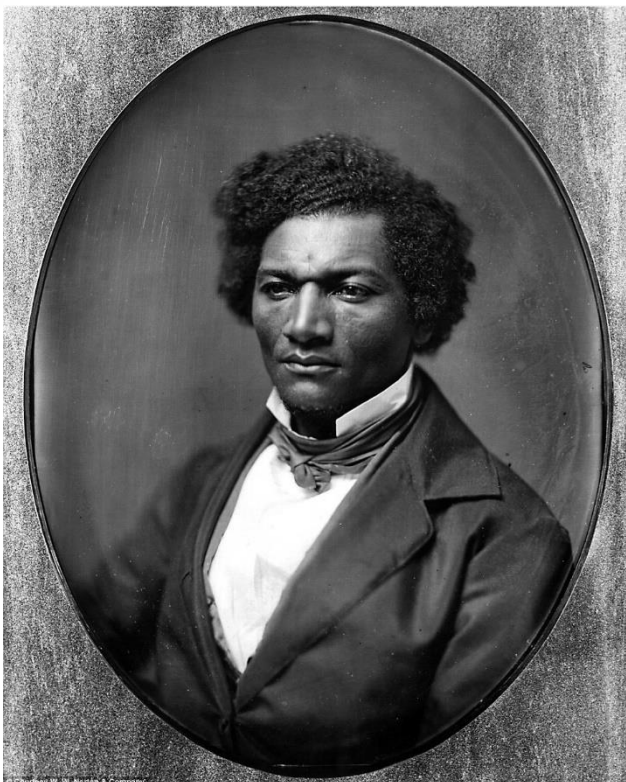
FIM ESCRAVIDÃO E SEGREGAÇÃO RACIAL NOS EUA

- No dia 1º de janeiro de 1863, o presidente Abraham Lincoln assinou o Ato de Emancipação.
- Em 1865 é ratificada a 13ª Emenda Constitucional abolindo a escravidão nos Estados Unidos.
- As leis Jim Crow institucionalizaram a segregação racial nos Estados Unidos, proibindo a presença de pessoas negras em locais e serviços públicos, escolas e meios de transporte. A referida lei vigorou durante o período de 1876 a 1965.

RACISMO E SEXISMO

- Na perspectiva de Angela Davis (2016, p.101), “racismo e sexismo convergem [...]”.
- “Se as mulheres brancas nunca recorreram ao trabalho doméstico, [...] as mulheres negras estiveram aprisionadas a essas ocupações [...]” (DAVIS, 2016, p.102).
- “As mulheres brancas — incluindo as feministas — demonstraram uma relutância histórica em reconhecer as lutas das trabalhadoras domésticas” (DAVIS, 2016, p.104).

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO



- Para abordar a educação como forma de libertação, Angela Davis (2016) cita o exemplo de Frederick Douglass (1818-1895).
- Douglass aprendeu a escrever com a cartilha *Webster* e a leitura da Bíblia e de outros livros.

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO

- “Douglass era um ser humano excepcional e se tornou um pensador, escritor e orador brilhante” (DAVIS, 2016, p.108).
- “Mas seu anseio por conhecimento não era, de forma alguma, incomum entre a população negra, que sempre manifestou uma ânsia profunda pelo saber” (DAVIS, 2016, p.108).
- Após “séculos de privação educacional”, era preciso lutar pelo direito de aprender (DAVIS, 2016, p.108).

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO

- Segundo as teorias raciais, “a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais” (DAVIS, 2016, p.109).
- Entre o final do século XVIII e o século XIX foram criadas várias instituições educacionais para pessoas negras nos Estados Unidos.
- “As pessoas negras que recebiam instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento à batalha coletiva de seu povo por liberdade” (DAVIS, 2016, p.112).

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO

- Angela Davis (2016, p.113) destaca “que os limites impostos à alfabetização da população escrava nos estados escravagistas eram muito mais rígidos do que no Norte”.
- “Nas narrativas sobre a era da Reconstrução e nos registros históricos do Movimento pelos Direitos das Mulheres, as experiências das mulheres negras e brancas [...] na luta por educação receberam atenção escassa” (DAVIS, 2016, p.115).

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO



- Angela Davis (2016, p.116) cita William Du Bois, sociólogo e historiador norte-americano.
- “[...] por meio da criação de escolas públicas e particulares e da organização da igreja negra, a população negra havia adquirido poder de liderança e conhecimento [...]” (BOIS *apud* DAVIS, 2016, p.116).

EDUCAÇÃO E LIBERTAÇÃO

- “A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul” (DAVIS, 2016, p.116).

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- No tocante ao sufrágio feminino, Angela Davis (2016, p.119) menciona “o comprometimento das mulheres brancas do Sul com a segregação [...]”.
- A ascensão do racismo se intensifica na década de 1890 com “a supressão do direito de voto da população negra do Sul, o sistema legal de segregação e a vigência da lei de linchamento [...]” (DAVIS, 2016, p.119).

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- “A postura aparentemente ‘neutra’ das líderes” do movimento feminista norte-americano “em relação à ‘questão de cor’ [...] encorajava a proliferação de ideias claramente racistas nas fileiras da campanha sufragista” (DAVIS, 2016, p.120).
- Por volta da “última década do século XIX”, o movimento “pelo sufrágio feminino começou a aceitar definitivamente o abraço fatal da supremacia branca” (DAVIS, 2016, p.121).

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- “O terror e a violência obrigavam a mão de obra negra no Sul a aceitar pagamentos que pouco diferiam da escravidão e condições de trabalho frequentemente piores do que as do período escravagista” (DAVIS, 2016, p.122).
- Em 1893, ao revogar o Ato de Direitos Civis de 1875, a Suprema Corte dos Estados Unidos institucionalizou a segregação racial no país.

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- “Com a chegada do século XX, um casamento ideológico sólido uniu racismo e sexismo de uma nova maneira” (DAVIS, 2016, p.127).
- Os laços entre a supremacia branca e a supremacia masculina tornaram-se mais estreitos.
- A ideia de superioridade da “raça anglo-saxã” é reforçada pela concepção de inferioridade feminina.

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- “Se as pessoas de minorias étnicas [...] eram retratadas como bárbaras e incompetentes, as mulheres brancas eram [...] representadas como figuras maternais [...]” (DAVIS, 2016, p.127).
- “Mulheres brancas estavam aprendendo que, como mães, elas carregavam uma responsabilidade muito especial na luta para salvaguardar a supremacia branca” (DAVIS, 2016, p.127).

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- “À medida que o racismo criava raízes mais estáveis no interior das organizações das mulheres brancas, o culto sexista da maternidade também se insinuava no interior do mesmo movimento cujo objetivo declarado era a eliminação da supremacia masculina” (DAVIS, 2016, p.127).
- Há uma ligação entre o sexismo e o racismo.

SUFRÁGIO FEMININO E RACISMO

- As teorias racistas justificavam a concessão do voto somente para as mulheres anglo-saxãs (mulheres brancas).
- “Não eram os direitos das mulheres ou a igualdade política das mulheres que tinham de ser preservados a qualquer custo, e sim a superioridade racial reinante da população branca” (DAVIS, 2016, p.131).

ANGELA DAVIS

Referência bibliográfica:

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.